

Empresas se preparam para o pior

15

Conjuntura econômica internacional poderá influir negativamente nas metas do governo

Terminadas as eleições, a classe empresarial se prepara para o pior. "Tudo indica que o governo irá revigorar, mais cedo ou mais tarde, sua política monetária na tentativa de baixar de vez os índices da inflação", afirmou o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato. Os efeitos poderão ser sentidos no primeiro trimestre de 1991, quando, na opinião do presidente do Sindicato da Indústria de Brinquedos do Estado de São Paulo, Emerson Kapaz, surgirá "um buraco negro", produto da estagnação da economia. Até lá, o ritmo das atividades econômicas será mantido morno pela safra de dissídios co-

letivos e pelo apelo das vendas de fim de ano, acredita.

Amato e Kapaz representam setores opostos da política empresarial em São Paulo. Amato lidera o grupo de dirigentes de indústria de posições mais conservadoras que o movimento denominado Pensamento Nacional das Bases Empresariais, integrado por Kapaz e de oposição à diretoria da Fiesp. Ambos estão convencidos de que o governo não dispõe de muitas alternativas para a administração do Plano Collor no atual contexto da conjuntura econômica internacional. Terá de reajustar os preços dos combustíveis e manter as taxas de juros em níveis elevados para evitar a explosão inflacionária. Para eles, os efeitos dessas medidas só poderão ser neutralizados pelo pacto social.

Tanto Amato quanto Kapaz ocuparam boa parte de seu tempo na última semana preparando as

propostas que pretendem levar à primeira reunião do pacto social, quarta-feira, em Brasília. Para eles, caberá ao governo liderar a negociação entre os diversos setores da sociedade e convencer seus representantes a perder um pouco agora para evitar prejuízos mais graves nos próximos meses.

CÂMBIO

Amato alerta que as vendas da indústria para o comércio não alcançaram o volume esperado no final de setembro. O comércio atacadista geralmente se intensifica no final de cada mês porque essa é a forma encontrada pelas empresas para dilatar o prazo de pagamento dos impostos. Sem os pedidos do varejo em mãos, a indústria desacelera a produção e se prepara para sobreviver à recessão.

O governo tem pela frente atribuições pouco agradáveis, acredita Amato. Os preços dos combus-

tíveis terão de ser ajustados à nova realidade do mercado internacional. O presidente da Fiesp acha que a questão cambial cria um impasse de difícil solução. Para acelerar as exportações e, com isso, ampliar o nível das reservas cambiais, preparar-se para uma negociação competente da dívida externa e, ao mesmo tempo, evitar o aprofundamento da recessão, o governo teria de desvalorizar o câmbio em pelo menos 40%, calcula Amato. Mas, com isso, estaria trazendo para a sociedade todo o impacto da alta internacional do custo do petróleo. Amato não acredita que o governo vá retomar sua política econômica com toda a intensidade que os membros da área econômica desejam. Vai aguardar ainda o segundo turno das eleições, para então fazer a cirurgia com a qual acredita ser possível manter a inflação em índices que considera aceitáveis.



Benedito Salgado/AE — 23/11/88
Amato: "Governo deverá revigorar a política monetária, cedo ou tarde"